

A lógica do brincar¹

Camila Luvisa², Passo Fundo

Um dia ordinário. “Toc-toc” na porta do consultório. A porta se abre, faz-se então o encontro e o início da tessitura do espaço que acomodará a neocriação que é toda a relação analítica. Enquanto nos postamos a chamar o outro a falar livremente, também oferecemos uma nova forma de ser ouvido: pelo analista e por si mesmo. Seguindo a proposta teórico-clínica de Silvia Bleichmar, segundo a qual o fazer analítico não se limita a recuperar o que já vive, visando também a gerar novos modos de produção simbólica, novas condições de simbolização, ou seja, dedicando-se à conquista de maior complexidade do aparelho psíquico pela capacidade de figurabilidade daquilo que se inscreveu, proporcionamos um método e vamos, de alguma forma, possibilitando um jogo com os grandes e os pequenos que se colocam diante de nós. Acredito que as crianças estão sempre diante do inédito. O que elas desejam saber não existe ainda, precisa haver tempo para ser inventado: sem fórmula, sem receita, não há nada além do espírito aventureiro do psicanalista rumo à história do outro e à construção de uma nova narrativa para os dois. O “faz de conta” acompanhado tem o potencial de ensinar a viver, a morrer e a seguir com aquilo que se pôde ir traduzindo e albergando de si.

1 Trabalho apresentado na II Jornada de Psicanálise com Crianças: “Singularidades da Técnica Psicanalítica na Clínica com Crianças”, em julho de 2024. Mesa 2: “Clínica com crianças: lugar de circulação de pais, transferências e o brincar”, organizado pelo Núcleo de Psicanálise com Crianças da Constructo Instituição Psicanalítica.

2 Psicóloga, psicanalista associada a Constructo Instituição Psicanalítica e membro do Núcleo de Psicanálise com crianças da Constructo Instituição Psicanalítica.

Um outro dia ordinário. “Toc-toc”, a porta se abre. Chega um menino de três aninhos. Nós dois já nos conhecemos há um tempo, mas desta vez ele se apresenta como um outro alguém. Eu o cumprimento e o chamo pelo seu nome para entrar, ao que não me responde. Mostra-se vestindo uma fantasia e diz: “Oi! Sou o maior super-herói de todos!”. Feito o esclarecimento, eu recebo em tal caso o Homem Aranha. Imediatamente, inicia-se a ação: ele exhibe toda a sua coragem e desenvoltura motora saltando do divã à poltrona e vice-versa. Entretanto, desafortunadamente, cai inúmeras vezes. Ele dá gritos satisfeitos na ilusão de uma mira perfeita: “A teia acertou bem no alvo!”. Estava tentando remendar o fracasso de seus pulos, corridas e toda sorte de movimentos que vinham prejudicados por um distúrbio de visão diagnosticado havia poucas semanas. Ele estava sofrendo por não entender aquilo de seu corpo que gerava desequilíbrio em sua mobilidade e tinha imensa dificuldade em consentir com o próprio tratamento oftalmológico, bastante limitador. Os pais se esforçaram para seduzi-lo com a ideia de fingir ser um pirata que usava tampão ocular (uma exigência do tratamento médico). No entanto, o acessório revelava justamente a falha, a quebra do ideal, algo que, naquela altura de sua vivência, era insuportável. Mesmo com tampões coloridos e os demais apetrechos, ele não queria fingir ser um “pirata caolho”, já que a circunstância da vida estava trazendo a realidade de ser imperfeito, e de forma incisiva, sendo isso sentido como um ataque à sua onipotência infantil natural. Recebi o Homem de Ferro, o Capitão América, o Hulk, alguns Power Rangers e o Sonic, que descobriram as suas forças e os seus limites. Até o pequeno conseguir descobrir que o seu próprio poder estava em admitir e, por consequência, entristecer-se a respeito daquela parte de si que estava fraquinha. Depois de ir elaborando a dor, ele mesmo, Pedro, conseguiu lutar com toda a garra em prol da melhora possível através das prescrições médicas desagradáveis e temporariamente restritivas.

Mais um dia, outro “toc-toc”. Recebo um outro menino pequeno, que sempre se mostra bastante curioso com os objetos e enfeites do consultório.

Geralmente, após se aproximar de algum item e observá-lo com atenção, questiona se fui eu mesma que o escolhi. “Foi você que comprou esse quadro?”. Felipe vem à análise para adquirir voz própria e constituir a sua autoria dentro de um contexto de relações intersubjetivas de certa captura. Dessa vez, reparou no tabuleiro de xadrez que está como um adorno em minha mesa e pediu para jogarmos, advertindo-me rapidamente de que seu pai não sabia jogar. Eu, então, lhe questionei: “quem saberia?” E sem qualquer novidade para nós, ele indicou que a mãe “com certeza” sabia. Ocorreu-me que existia algo ali para buscarmos e concordei em fazer daquilo um caminho. Sabendo que se tratava de um jogo de tabuleiro complexo para a sua idade – quatro anos – e obviamente não era viável colocar em prática segundo as regras originais – aspecto este que pouco importa na construção/investigação com a criança –, ele foi modificando os combinados a partir dos seus interesses. Após a minha explicação de que o objetivo daquela “guerra” era atacar o rei oponente de maneira tal que não pudesse escapar, foi pulando as casas aleatoriamente e questionando, agitado: “como eu mato o rei rápido?”. Em outros momentos, narra as suas ações: “agora, o Príncipe e a Rainha vão pegar os cavalos e ir passear”. Assim fizeram os dois, embrenhando-se nos meus vasos de plantas, ou melhor, “pela floresta”! Ele compreendeu cognitivamente a nomeação de cada peça, mas, em sua versão, no seu reino, existia uma Rainha que governava ao lado do Príncipe e nada mais. A sessão termina e seu pai não está à sua espera conforme o combinado. Alguns minutos depois, a mãe chega e, esbaforida, o abraça amorosamente, contando que o pai havia se atrasado no trabalho. E ela ainda diz: “a mãe largou tudo o que estava fazendo lá e veio correndo te encontrar!”. Dessa forma, o Príncipe não precisou ficar esperando pelo rei “vencido”.

Outro dia. Sem batidas à porta. Chego ao consultório apressada, faltando tão somente cinco minutos para iniciar a sessão. O menino de oito anos, na companhia de sua babá, recebe-me no corredor com as mãos para o alto e

canta: “Aleluia! Aleluia!”. No mesmo instante, não me pareceu se tratar de uma expressão de alegria e gratidão a Deus por me ver, para juntos então brincarmos na superfície profunda da vida como já fazíamos há alguns meses. Eu já sabia de seu gosto por canções e paródias engenhosas, que eram muito frequentes durante as sessões, e aquela carregava alguma sorte de mau humor que precisava ser investigado. Ele entra e escolhe o de sempre: desenhar. Enquanto cria uma máquina do tempo, ele me conta “uma história verdadeira” que havia descoberto em sua última viagem de férias em família: “Psi, sabia que o Rei Henrique VIII não era só o rei da Inglaterra, ele também era tipo o Papa? Mandava em tudo!”. Conta, inclusive, do dia anterior na escola, onde mais uma vez ocorreu de perder o recreio por ter desacatado alguma norma da sala de aula e, sem crítica alguma, repetia o seu intento de ser o “Rei da encrenca” enquanto um arquétipo de valor. Lá pelas tantas, a produção gráfica terminou de ser feita e eu lhe pergunto qual destino daria àquela máquina do tempo. Queria ir para a época do Henrique VIII e buscar uma guilhotina para pôr fim em todos que o incomodavam: a professora, a colega que era a líder da turminha, os meninos que não concordavam com os seus planos mirabolantes, a coordenadora que insistia em mandar os bilhetes para casa... “*Tchac!*” Eu também perdi o pescoço! Eu que não estava ali prontamente à sua espera naquele dia, que não vinha atendendo à sua demanda de identificar os outros como sendo “as pedras do sapato”, conforme insistia em argumentar. Porém, tal qual no sonho, por ser de “mentirinha”, sobrevivi. E via a análise laboriosa, ele também sobreviveu à castração pela qual todo ser humano precisa passar, ficando destronada a ideia sedutora de ser tudo, ter tudo e poder tudo. Sua coroa hoje é ser um adolescente que se interessa em aprender, que tem um grupo legal de amigos e está atravessado pela ética.

Outro dia ordinário. Está na hora, mas não ressoa nenhum “toc-toc” na porta. Dessa vez, o que ouço são várias vozes repercutindo juntas na sala de espera. Recebo a menina de quatro anos que era aguardada, juntamente com

a avó, o avô e uma caixa de papelão habitada por dois pintinhos. Seres novos para mim. Sou apresentada a todos – humanos e não-humanos – e imagino, segura, que seguiremos apenas eu e a pequena porta adentro. Ela insiste que precisa estar com os bichinhos, já que os pais deles (os galináceos) viajaram e, além do mais, havia prometido aos pintos que ali havia brinquedos para brincar e ir conversando. Permito. Depois de colocar os pintinhos no carro da Barbie e conduzir um tour pelo consultório, decide deixá-los na casinha de bonecas enquanto faz um desenho para enfeitar uma nova caixa de papelão – esta sem cocôs! Desde o seu nascimento, era a primeira vez que o casal viajava sem a filha e sua irmã menor de dois anos. Lá pelas tantas, depois de entender a origem daqueles “pets”, fui indagando como imaginava que os pintinhos estavam se sentindo longe dos papais. Ia me respondendo que estavam ela e a sua irmã, cuidando muito dos hóspedes: haviam feito um quarto com caminhas quentinhas, dado comidinha e os levado para passear, a fim de que conhecessem, o espaço *kids* do prédio e, naquele dia, o meu consultório. Eu vou pontuando que, talvez, mesmo que estivessem recebendo toda essa atenção carinhosa delas, dos avós e também da Ana (a babá), estavam sentindo falta dos pais, precisando descobrir uma maneira diferente de serem cuidadas, acostumando-se com outros jeitos na rotina. Ela interrompe abruptamente e me pergunta, aflita: “será que elas entendem português?”. “Não sei. O que você acha?” “Acho que sim, eu aprendi a falar Inglês”. “Ah, sim! É possível que saibam ou estejam começando a aprender, então.” A pequena pisca para mim com um de seus lindos olhinhos e fala, com a intenção de ser ouvida pelos filhotes: “Né, Camila, que a mamãe galinha e o papai galo estão pensando nelas lá longe?”. Concordei e acalmei o seu coraçãozinho, garantindo que ela, do mesmo modo, seguia sendo pensada lá do outro lado do oceano pelos seus papais e que eles também seguiam dentro dela onde quer que desejasse ir.

Essas pequenas vinhetas de casos têm o propósito de ilustrar que a expressão do sujeito em vias de constituição na análise assumirá diversas

modalidades: falar, fantasiar-se, encenar, cantar, desenhar, jogar, modelar... Cada caso é único e “repetir em casa” se faz algo insensato, como comumente nos aconselhavam em shows de picadeiro, lugar de criações fantásticas inaugurais. “Copiar e colar” são perigosos e costumam resultar em *não ser*, visto que o simbólico jamais se apresenta genérico e as suas formas de manifestação são múltiplas. Penso que, nesta reflexão, vale lembrar que o fundamental não está no brinquedo em si, na “caixa de brinquedos” que se possa organizar e ofertar, mas sim no “brincar” como uma “via régia ao inconsciente”, tal qual nos disse Freud a respeito do sonho. Com sua brincadeira, a criança vive seu drama pessoal de forma singular e fresca, no sentido de experimentar, refletir e comunicar o impossível, o desejado, o temeroso, o idealizado; o quê, o quando, o onde, o quem, o como e o porquê, refletindo sem intencionalidade, sem temporalidade nem curso organizado, o mais inconsciente do seu mundo interno. As condensações, deslocamentos e simbolismos se refletem, coexistem no ‘brincar’. Tal criação desobedece aos parâmetros de censura e repressão, dado que é “de mentirinha”. Vale reiterar que tanto o brincar quanto o sonhar correspondem a um evento intrapsíquico e, portanto, o domínio está naquele sujeito que brinca e no que sonha, diante do processamento metabólico do que ficou inscrito e também naquilo que se refere às primeiras tentativas auto-teorizantes que se elaboram gradativamente no espaço transferencial lúdico, não exclusivamente em uma sessão, mas ao longo do processo de análise. Os materiais disponibilizados à criança de forma livre – bonecos, panelinhas, carrinhos, animaizinhos, papel, lápis, canetinhas, tintas, colas, massinhas de modelar, *slime*, barbantes, jogos de encaixe e sem regras imprescindíveis – facilitam imensamente a figurabilidade do conteúdo fantasmático, dado que o sonho se vale somente de imagens visuais e sensoriais.

O encontro clínico com o sofrimento do outro nos exige o uso de todas as ferramentas com as quais contamos enquanto analistas. O aporte teórico nos oferece o rigor de um marco conceitual no exercício da função e um

pensar que se deixa interrogar continuamente na prática exercida em nossas salas de análise. No encontro com o pequeno analisante, faz-se necessário que nos disponhamos a pôr em jogo os sentidos, não uma tradução simultânea; a trabalhar a partir da observação, não apressando a criança no desfrutar do prazer da atividade lúdica e em sua articulação de crença-realidade; a trabalhar com base na escuta, não da condução pedagógica; e, ainda, trabalhar a partir do nosso próprio corpo, sustentando uma posição que inclui plasticidade, flexibilidade e criatividade.

O brincar como método por meio do qual se pode explorar o inconsciente através de seus efeitos pode ser lido metapsicologicamente, visto que cumpre uma função na constituição mesma do aparelho psíquico enquanto primeira e privilegiada forma de resolução dos excedentes traumáticos. Esses excessos resultam da interferência da sexualidade do outro humano que se encarrega dos cuidados autoconservativos do bebê, produzindo – conforme nos lembra Silvia – uma comutação da energia somática em energia sexual e instalando, a partir dali, uma fonte interior de excitação que impõe o percurso de um trabalho psíquico. O brincar serve de via de descarga pela motricidade na própria atividade de jogar com os objetos e/ou com a dimensão do corpo e pode vir a servir enquanto via de ligação psíquica, o que se evidenciaria na produção imaginativa e no uso da criatividade. Observando os aspectos incursos no brincar, temos elementos para compreender os tempos lógicos e não cronológicos de formação do inconsciente; verificar aos traços psíquicos que seguiram tramados nas redes simbolizantes, encontrando um lugar em um sistema (*topos*), e examinar aqueles outros que não puderam ser simbolizados, passíveis de produzir transtornos ou bloqueios no desenvolvimento.

O projeto que carrego aposta em pensar na *criação* em cada encontro com os pequenos, que, a propósito, também muito falam a respeito do seu montante de angústia e de suas teorias sobre o desafiador jogo da vida. Aquilo

que a criança pode viver transferencialmente no “espaço de brincadeira”, acompanhada de um analista que lhe assegure sua disponibilidade genuína em construir com ela, conduz a novas perspectivas organizacionais da economia libidinal, a novos significados para seus esquemas representacionais, facilitando o processo analítico e acrescentando muita vontade de desfrutá-lo. Brincar pode consolar, reparar, fazer esquecer e lembrar ao mesmo tempo, vincula com os outros e com aquele de ainda ontem: antes de criar a si mesmo e seguir por si.

Revisão gramatical de **Bruno dos Santos Konkewicz**

Revisão técnica de **Déborah Jasmine Dalcol**

Camila Luvisa

Rua Paissandú, 1193/1206

99010-101 – Passo Fundo – RS

camilaluvisa4@gmail.com

© Constructo Revista de Psicanálise